

# RELAÇÕES HUMANAS NA CONTEMPORANEIDADE

• *o outro como objeto de fetiche* •

Angela Maria Pires Caniato\*, Marco Correa Leite\*\*

---

Autor correspondente: Marco Correa Leite. E-mail: mclmarco@hotmail.com

\* Professora Doutora do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, angelacaniato@gmail.com.

\*\* Mestrando em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá.

## Resumo

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado a respeito das relações humanas na contemporaneidade, sobre como essas relações estão sendo estabelecidas e quais as consequências no psiquismo dos indivíduos. Após análise de obras de autores da Psicanálise e da Teoria Crítica, foi encontrado um tipo de relação que está de acordo com as relações fetichistas nas quais as pessoas idealizam o outro como o objeto que traria imaginariamente uma satisfação impossível de se conseguir. Esse funcionamento do indivíduo está intimamente relacionado à sociedade contemporânea em que as ofertas de mercadorias tendem a suprir não uma necessidade real, mas um desejo inconsciente que nunca se satisfaz. Dessa forma, as relações humanas a partir da lógica do Capital fazem do outro um objeto idealizado tal qual se encontra nas relações entre indivíduo x mercadoria e, da mesma forma, sua nefasta consequência aumenta ainda mais o desamparo humano na sociedade contemporânea.

*Palavras-chave:* Fetichismo; Contemporaneidade; Psicanálise; Teoria crítica.

## HUMANS RELATIONS IN THE CONTEMPORANEITY

• *the other as a fetish object* •

## Abstract

This paper is a result of a master degree research about human relations in the contemporaneity; and how these relationships are being established, as well as the results upon the individuals' psyche. After some studies in the Psychoanalysis and Critical Theory literature, it was found a kind of relationship, very close to the fetishism relationship described by Freud (1917). In this relation, a person idealizes the other as an object which should bring some kind of satisfaction, impossible to reach. This way of acting is closely attached to the contemporary society, in which the product offerings tend not to meet

the real need of men; instead they tend to meet an unconscious desire that will never be satisfied. Thus, the human's relations from the logic of capitalism, make the other an idealized object as it is in the relationship between the individual x merchandise and, likewise, their harmful consequence further increases the human helplessness in contemporary society.

*Keywords:* Fetishism; Contemporaneity; Psychoanalysis; Critical theory.

## INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, os vínculos humanos estão sendo compreendidos como vínculos frágeis, ou ainda, conforme Bauman,<sup>(1)</sup> “líquidos”. Conseqüentemente, as pessoas não estão mais se relacionando umas com as outras no intuito de ligarem-se emocionalmente e constituírem-se a partir dessas relações de amor. Até o século passado as trocas de afeto eram consideradas como relações estáveis, gerando como consequência amparo e proteção mútua aos indivíduos, além de trazerem certa segurança diante das dificuldades da vida.

Para explicar a transformação dos vínculos humanos é preciso percorrer algumas teorias contemporâneas que darão base para compreender o que ocorre na sociedade para, depois, realizar uma análise da subjetividade humana a partir do imbricamento do indivíduo com o discurso social dominante.

Pela perspectiva de cientistas sociais, como Debord,<sup>(2)</sup> o qual caracteriza a “Sociedade do Espetáculo” como uma sociedade em constante mudança e que promove a alienação dos indivíduos a partir da construção maciça de ilusões em nome da uma promessa de consumo total, ou seja: “Cada produto específico, que deve representar a esperança de um atalho fulgurante para enfim ascender a terra prometida do consumo total, é apresentado cerimoniosamente como a singularidade decisiva”. (p. 46)<sup>(2)</sup>

Sendo assim, uma vez que esse produto-mercadoria é consumido, os indivíduos buscariam outro

produto, porque a promessa nunca se cumpre, a satisfação esperada nunca se concretiza. Ainda de acordo com Debord,<sup>(2)</sup> “o que o espetáculo oferece como perpétuo é fundado na mudança”. (p. 47) Embora mude-se o objeto, essa mudança ocorre porque o objeto oferecido nunca consegue satisfazer o que dele se espera. Dessa forma, embora mude a mercadoria, o ciclo de mudanças aponta sempre para a continuidade desse tipo de relação com a mercadoria.

Temos então, para Debord,<sup>(2)</sup> uma sociedade que captura os indivíduos a partir da promessa irrealizável de uma satisfação impossível pela via do consumo da mercadoria. Promessa que seria insustentável e rapidamente percebida caso os indivíduos pudessem refletir acerca de seus atos e de seus desejos, o que não ocorre justamente pela forma como está engendrada a máquina capitalista de produção da mercadoria. Dessa forma, a cada momento em que uma mercadoria é consumida e o indivíduo percebe-se ainda insatisfeito, uma outra mercadoria surge no horizonte, repetindo a mesma promessa de “atalho” à satisfação.

Devido à forma como está articulada a produção capitalista, a reflexão por parte do indivíduo faz-se impossível a partir do que Adorno e Horkheimer<sup>(3)</sup> expõem como conceito de indústria cultural que não permite aos indivíduos a capacidade de reflexão sobre seus atos e sobre si mesmos. Assim, para Adorno e Horkheimer<sup>(3)</sup> a indústria cultural funciona tanto como uma indústria, na formação

de subjetividades “semiformadas” com a capacidade de crítica e de julgamento deterioradas, quanto no sentido de estabelecer uma cultura dominante que irá apregoar os valores do capitalismo e determinar assim a continuidade da sociedade contemporânea de forma quase que imutável.

Uma das descobertas de Adorno e Horkheimer<sup>(3)</sup> foi que a indústria cultural não trabalha sozinha, não se pode, por exemplo, forçar um indivíduo a dar adesão aos seus ideais, mas antes, os indivíduos são cooptados e dão adesão de forma, muitas vezes, inconsciente aos mandos da indústria cultural a tal ponto que, para Adorno e Horkheimer, “O inimigo que se combate é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante”. (p. 123)<sup>(3)</sup> Ainda conforme os autores, a capacidade crítica dos indivíduos é destruída para que o indivíduo possa fazer parte dessa cultura de promessas de satisfações irrealizáveis.

Nas palavras de Türcke,<sup>(4)</sup> a indústria cultural funciona como a produtora e a promotora de um padrão de vida em que todos os indivíduos estariam coagidos a buscar como se fossem eles mesmos os criadores desse padrão. Dessa forma, a indústria cultural funciona pela introjeção do ideal do Capital na subjetividade humana, fazendo com que os indivíduos pensem que foram eles mesmos quem desejaram aquilo que está posto diante deles, não apenas na forma de uma mercadoria, mas antes, na forma de um ideal de satisfação, o qual seria viabilizado pela posse da mercaria.

Embora haja importantes diferenças no pensamento de Debord<sup>(2)</sup> quando comparados ao pensamento de Adorno e Horkheimer,<sup>(3)</sup> alguns pontos podem ser traçados não apenas como afins, mas também como ligações entre a sociedade do espetáculo e a indústria cultural. O que ambos compreenderam é que a mercadoria, como produto do capitalismo, propaga e mantém a ideologia capitalista dominante. Ou seja, a mercadoria enquanto objeto de satisfação serviria para que os indivíduos pudessem obter a satisfação total divulgada pela mídia. Porém, esta satisfação não ocorre, visto que é apenas uma fantasia inconsciente na qual

a indústria cultural conseguiu atrelar sua promessa e produzir a partir disso uma propaganda maciça que aprisionasse ainda mais os indivíduos.

A idealização da mercadoria, ou ainda o maciço investimento de significados que contém uma mercadoria, como, por exemplo, um tênis de uma marca famosa que representa status social significando a classe social a que pertence seu possuidor, indica uma forma de poder diante dos outros indivíduos da mesma sociedade que possuem um par de tênis inferior ou “mais barato”. Por outro lado, representa ainda uma pertença, uma forma de agremiação entre os consumidores da mesma marca. E, em última análise, a posse de determinado par de tênis não está relacionada com o seu valor de uso, mas com seu valor de significado para o sujeito que o possui. Portanto, esse valor do significado que o par de tênis possui está diretamente associado ao aparato da indústria cultural, a qual promete uma posição social e uma satisfação ao consumidor que nem percebe que aquele par de tênis é um par de tênis como qualquer outro.

Da mesma forma, os vínculos humanos na contemporaneidade têm sido tratados como se as pessoas vissem umas às outras como mais uma mercadoria para o consumo, como afirma Bauman.<sup>(5)</sup> Isso porque as pessoas colocam-se no lugar de objeto na tentativa de serem desejadas tal qual uma mercadoria, em que sua posse por outrem significaria para quem o possuísse um encontro com a satisfação imaginada.

Ainda no mesmo livro, Bauman<sup>(5)</sup> afirma que as pessoas no mundo contemporâneo investem mais na imagem de si mesmas do que em épocas passadas, assim como uma mercadoria investe em sua propaganda, em sua embalagem, mesmo sendo uma mercadoria idêntica à outra. Esta mudança na forma de perceber o outro como mercadoria, e ser percebido como mercadoria, implica em sérias consequências para a subjetivação dos indivíduos.

Até este momento constata-se que as relações humanas, na modalidade em que o eu e o outro seriam indivíduos reconhecidos em suas singularidades e individualidades, têm sido dificultadas

na contemporaneidade, pois as mesmas estão se constituindo de modo prevalente e emblemático, intermediadas pela mercadoria.

Sendo assim, nas relações Eu-mercadoria, o Eu concebe tanto a si quanto o outro tal qual uma mercadoria para consumo, embora reconheça o outro como semelhante, não o faz a partir de suas singularidades, mas ao identificar a si e a ele como mais uma mercadoria difundida pela indústria cultural.

Nessa atual cultura do consumismo constata-se que o que se consome não é a mercadoria, mas aquilo que ela representa, ou seja, não é necessariamente a coisa em si mesma que é desejada e consumida na busca por uma falsa promessa de satisfação.

Nesse sentido, é possível pensar na construção e manutenção dos objetos de fetiche e em como os indivíduos relacionam-se com os ideais construídos pelo Capital pela via do fetichismo. O fetichismo para a psicanálise apresenta-se como uma forma de defesa psíquica que tende a projetar em determinado objeto um significado especial àquele objeto e, assim, constituir uma relação com ele não a partir do que o objeto apresenta em sua face de uso, mas a partir do que ele representaria para o indivíduo pelo investimento libidinal nele depositado. Então, os objetos de fetiche funcionam como um depósito de projeções do sujeito, o qual, inconscientemente, relacionou a um conjunto de satisfações que antes havia encontrado na mais primitiva relação mãe-bebê.

Segundo Mijolla,<sup>(6)</sup> o objeto de fetiche poderia servir como:

[...] proteção contra o traumatismo e a depressão; a dispensa da expressão aberta da hostilidade e do desprezo, ainda que sejam secretamente expressos; a dispensa do recurso aos sintomas psicossomáticos; o domínio sobre a angústia de separação; enquanto semi-delírio protege contra o delírio; por último, num sentido mais triunfante, assegura o acesso ao seio materno e a plena posse da mãe idealizada (p. 720).

Assim, o objeto de fetiche é construído como uma tentativa de restaurar imaginariamente as vivências mais primitivas da relação mãe-bebê em

que este tinha todas as suas necessidades satisfeitas, possuía proteção, amparo e amor por parte do seu objeto de amor.

Conforme afirma Safatle<sup>(7)</sup> com relação ao fetichismo freudiano, “tal como na noção antropológica de fetichismo, estamos diante de um mecanismo de defesa contra uma situação capaz de provocar medo e sentimento de desamparo” (p. 81). Portanto, o fetichismo funciona como um modo intrapsíquico de se defender da ameaça de castração, possibilitando a manutenção de uma fantasia infantil.

## PSICODINÂMICA PSICANALÍTICA DO FETICHISMO

A seguir será descrita a psicodinâmica do fetichismo para Freud e pós-freudianos a partir do funcionamento do psiquismo, e não do que o objeto de fetiche representa em si mesmo, consistindo no ponto central do fetichismo em Freud. Da mesma forma será apresentado como o objeto de fetiche está mediando as relações humanas e impedindo que os indivíduos permitam-se abrir para as relações de amor.

A respeito do funcionamento do fetichismo, serão pontuados alguns mecanismos de defesa para melhor compreensão de como acontece a instauração do fetichismo como uma tentativa de defesa frente ao sofrimento diante da castração, que ocorre sempre que o indivíduo deve se haver com suas perdas e limites.

De acordo com Freud<sup>(8)</sup> existiriam, a princípio, duas formas de reagir frente à ameaça da castração durante o período edípico. A primeira, que concerne à organização das neuroses, dar-se-ia via processo do recalque; assim, diante da ameaça à castração, o sujeito da neurose reprimiria um fragmento do id (desejo) em função da manutenção da realidade.<sup>(8)</sup> Aqui há um conflito direto, no qual o Eu reprime uma exigência pulsional que traria satisfação ao sujeito em função do princípio de

realidade para que possa sobreviver e funcionar conforme a demanda da realidade social em que o indivíduo encontra-se.

Dessa forma, dizer que um sujeito constituiu-se psiquicamente como um neurótico, implica afirmar que ele elaborou a castração via recalque, pois esse mecanismo específico da neurose permite a transposição da fase edípica sem necessariamente cindir com a realidade exterior. Isso ocorre por meio do recalque de parte das exigências pulsionais provindas do Id,<sup>(8)</sup> sendo os desejos reprimidos justamente o do assassinato do pai, o desejo em ter a mãe como objeto sexual e, por último, o canibalismo. Este é o ponto no qual o funcionamento da castração pode ser compreendido a partir da contenção desses desejos, os quais os indivíduos reprimem por meio uma proibição vinda do outro da cultura e, como consequência, teria sua vida assegurada diante da impossibilidade da satisfação de seus desejos.

Uma segunda saída frente à castração<sup>(8)</sup> poderia ocorrer via renegação. Esse processo, muito mais violento, simbolicamente falando, exclui uma parte fundamental da realidade do alcance da consciência. Como consequência ter-se-ia o funcionamento psíquico da psicose a qual Freud<sup>(8)</sup> caracteriza como “um fragmento de realidade, indubitavelmente importante, [que] fora rejeitado pelo ego” (p. 158).

Segundo Freud,<sup>(8)</sup> o fetichismo seria como uma formação de compromisso entre esses dois processos, de um lado o Eu recalca algo do id em nome de sua sobrevivência conforme encontra-se na neurose, porém, por outro lado, o Eu também irá renejar parte da realidade, permitindo uma satisfação parcial das exigências pulsionais provindas do Id, assim como na psicose. Dessa forma, “no conflito entre o peso da percepção desagradável e a força de seu contradesejo, chegou-se a um compromisso, tal como só é possível sob o domínio das leis inconscientes do pensamento - os processos primários.” (p. 156-157).<sup>(8)</sup>

Para o fetichista, a percepção desagradável da qual ele se defende é a da inexistência do pênis na

mãe, além disso, a força de seu desejo está mobilizada para negar essa castração. Por isso, devido ao empenho em desmentir a castração da mãe, em determinados momentos faz com que o psiquismo possa encontrar uma terceira saída para elaborar a castração que é a saída via fetichismo.

Neste sentido, no texto psicanalítico sobre o fetichismo, Freud<sup>(8)</sup> deixa claro que se está diante de um terceiro tipo de funcionamento e organização psíquicos. Ainda segundo Freud,<sup>(9)</sup> a respeito desse funcionamento, compreende-se que o Eu possa clivar-se, dividir-se, a fim de que atue a partir do funcionamento da neurose via processo do recalque, mas também, em determinados momentos, de forma parecida com o funcionamento do Eu da psicose, via renegação da realidade. Assim sendo, mantém de lado um Eu que possa atuar em conformidade com as exigências do Id e que, ao mesmo tempo, esteja consciente de sua castração.

Nesse terceiro tipo de funcionamento encontra-se o fetichismo sobre o qual Freud afirma que “tanto a rejeição quanto a afirmação da castração encontram caminho na construção do próprio fetiche”. (p. 159)<sup>(8)</sup>

É importante deixar claro, no entanto, que não se trata de uma terceira estrutura psíquica como seria a da perversão, pois Freud<sup>(8)</sup> esclarece que é um funcionamento, uma forma diferente de lidar com a castração que também é encontrada na perversão, mas não somente isso. Na obra “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud<sup>(10)</sup> descreve que durante a infância é esperado que as crianças passem por um “estágio” de perversão polimórfica o que não implica em uma estruturação psíquica perversa. O mesmo pode-se ver a partir dessa afirmação de Safatle:<sup>(7)</sup> “É verdade que Freud dissera, em ‘Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos’ (1925), que o desmentido era uma operação frequente e normal na vida mental da criança [...]”. (p. 96)

Embora em 1905 Freud considerasse que o fetichismo estava atrelado a uma forma de satisfação polimorfa perversa, em 1925 ele irá rever essa posição desatrelando o fetichismo de um comporta-

mento sexual perverso para compreendê-lo como um momento específico e importante no desenvolvimento libidinal infantil. Isso não anula o fetichismo como uma das características dos indivíduos com o funcionamento perverso, mas amplia o fetichismo para um determinado momento do desenvolvimento em que seria até mesmo necessário para que a criança perceba a realidade da castração. Aos poucos, conforme afirma Safatle,<sup>(7)</sup> a criança “progressivamente deveria dar lugar a outras formas de síntese psíquica” (p. 96). Assim, o que está em cena, é que a realidade da castração é tão assustadora para a criança que ela poderia lançar mão desse terceiro tipo de funcionamento psíquico.

Assim, encontramos um terceiro tipo de funcionamento psíquico no fetichismo, no qual, segundo Safatle,<sup>(7)</sup> ao invés da repressão, o Eu desmentiria parte da realidade, ao mesmo tempo em que aceita uma outra parte. Ainda que o Eu reconheça a realidade, uma parte do Eu funciona como se ela não fosse daquela forma, como se houvesse uma outra realidade possível. Segundo Freud,<sup>(8)</sup> isso fica muito claro quando se percebe que a criança mantém a ideia de uma mãe fálica mesmo tendo consciência de que esta mãe não possui o pênis. Por isso, no fetichismo as duas ideias conflituosas (a mãe não tem um pênis, mas a mãe tem outra coisa que é seu pênis) permanecem possíveis e, aparentemente, como afirma Freud,<sup>(8)</sup> opostas, mas não são necessariamente sentidas pelo fetichista “como o sintoma de uma doença que se faça acompanhar por sofrimento” (p. 155). Percebe-se, portanto, que o Eu desmente a realidade por meio do objeto de fetiche ao mesmo tempo em que o próprio objeto de fetiche serve como a afirmação de que a mãe não possui o pênis.

Dessa forma, o funcionamento psíquico do desmentido ocorre em um momento posterior à castração simbólica, ou seja, o sujeito reconhece a castração, mas, mesmo assim, instaura um objeto de fetiche para desmenti-la. A partir desse momento o objeto de fetiche recebe do indivíduo todas as

projeções e sentidos que antes eram projetados no pênis materno imaginário.

Esquemáticamente falando, quando se pensa a respeito do fetichismo, ter-se-ia o funcionamento de um sujeito que, embora reconheça a castração em um primeiro momento, desmente-a, tornando possível duas ideias opostas coexistirem na consciência, a saber: a mulher tem um falo, mesmo que não seja o pênis, conforme afirma Safatle.<sup>(7)</sup> Portanto, essa duplicidade de ideias opostas que não geram sofrimento ao indivíduo só pode ser compreendida a partir de uma clivagem no Eu.

Assim sendo, o que apenas era possível no inconsciente, ou seja, a permanência de duas ideias opostas sem gerar conflito na consciência e consequentemente mal estar e sofrimento ao indivíduo, só pode ser compreendido a partir da clivagem do Eu, explicitado muito claramente por Freud.<sup>(9)</sup>

Pode-se perceber que para que haja um Eu clivado é necessário um tipo específico de operação no psiquismo. De acordo com Freud,<sup>(9)</sup> no fetichismo, no momento em que há o recalque, parte do Eu divide-se na tentativa de renegar a castração, possibilitando um mínimo de satisfação a partir do momento em que desmente a realidade da castração. Ainda segundo Freud,<sup>(9)</sup> o Eu fetichista irá ao mesmo tempo rejeitar e reconhecer a castração como se fossem dois “Eus” distintos em um mesmo aparelho psíquico.

A noção da clivagem do Eu para Freud<sup>(9)</sup> permite a compreensão de como um outro objeto pode ocupar o lugar do falo, pois, se de um lado o sujeito reconhece-se castrado e que precisa do outro, por outro lado busca um objeto que seria o falo para tornar-se “um todo”, acreditando nessa ideia mais primitiva e infantil da possibilidade de uma pessoa fálica que também poderia ser ele mesmo. Embora o objeto de fetiche freudiano estivesse relacionado diretamente com o pênis materno inexistente, a clivagem do Eu permite uma visão ampliada a respeito do fetichismo.

Ainda com relação à clivagem do Eu, Freud<sup>(9)</sup> evidencia que no fetichismo o Eu estaria funcionando neuroticamente, embora suas partes clivadas fun-

cionassem uma via recalque e outra via renegação. Dessa maneira, parte do Eu clivado funcionaria de forma semelhante com que funciona o Eu em uma psicose devido ao mecanismo de defesa utilizado ser o mesmo, porém esse mecanismo ocorre após o recalque, enquanto na psicose ocorre no lugar do recalque. Ainda que a outra parte do Eu clivado possa ter uma defesa tal qual encontrada na psicose, Freud<sup>(9)</sup> esclarece que em nenhum momento o Eu clivado construiu uma segunda realidade alucinatória em torno da falta do pênis na mãe como seria de se esperar nas psicoses. Por isso pode-se compreender a partir do texto de 1927 e, subsequentemente, no de 1938, que o fetichista está necessariamente, em um primeiro momento, funcionando neuroticamente via recalque, mas este não abarca toda a dimensão da pulsão, ao contrário, no fetichismo, o recalque funciona parcialmente.

Esse é um ponto muito importante que vai além da teoria a respeito do fetichismo. Freud,<sup>(8)</sup> ao perceber que parte da pulsão era recalcada e outra parte continuava seu caminho buscando a satisfação, começa a pensar na possibilidade de um recalque parcial das pulsões.

Quando Freud, de maneira súbita, escreve seu pequeno texto sobre o fetichismo, as peças de sua teoria já estavam sintetizadas há mais de uma década. No entanto, esse longo intervalo indica que algo no tema parecia colocar certo tipo complexo de problema para a psicanálise. De fato, esse problema virá a tona através da elaboração mais sistemática da teoria do recalque parcial. Tal modo de recalque tipicamente fetichista será absorvido no interior de considerações sobre o que Freud chama de *Verslagnung*. (p. 73).<sup>(7)</sup>

Sendo assim, no indivíduo fetichista esse recalque do Id funciona perfeitamente bem diante de uma parte do Eu clivado o qual aceita o princípio de realidade sem maiores problemas, enquanto que para a outra parte, o princípio do prazer ainda permanece como dominante na vida psíquica.

De acordo com Freud,<sup>(9)</sup> no processo da constituição do fetichismo, o que ocorre é a permanência dessa situação dupla em que há duas exigências (Id e realidade) contrastando entre si e que, de al-

guma forma, o Eu encontra um terceiro caminho para satisfazer ambas.

Ambas as partes na disputa obtêm sua cota: permite-se que o instinto conserve sua satisfação e mostra-se um respeito apropriado pela realidade. Mas tudo tem de ser pago de uma maneira ou de outra, e esse sucesso é alcançado ao preço de uma fenda no ego, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa. (p. 293)<sup>(9)</sup>

Por isso, está-se diante de uma operação psíquica que pode ou não resultar no fetichismo. Antes, é a respeito dessa operação específica, a da clivagem do Eu e como consequência um recalque parcial das pulsões, que se deve pensar para compreender o fetichismo como uma possibilidade de saída frente ao desamparo. O Eu cliva-se como forma de defender-se do sofrimento, de um lado aceitando a castração, porém, de outro, renega a castração por meio do investimento libidinal em um objeto qualquer.

Dessa forma, a clivagem do Eu, a partir do desmentido que Safatle<sup>(7)</sup> claramente expressa com a afirmativa “eu sei bem, mas...”, deixa possível uma transposição do objeto de fetiche freudiano (o pênis da mulher) para uma mercadoria qualquer. Dizer, por exemplo, que um sapato está no lugar do pênis (inexistente) materno e de fato representar esse pênis via processo primário, para o fetichista, o objeto escolhido (neste caso o sapato) assume as condições do pênis simbólico de sua mãe no seu imaginário. Logo, pode-se dizer que o fetichista sabe que aquele não é um pênis, nem se parece com ele, mas mesmo assim não deixa de ser simbolicamente o pênis materno.

Segundo Safatle,<sup>(7)</sup> o indivíduo fetichista desmente a castração e inconscientemente constrói a imagem de uma pessoa inteira, com os dois sexos, um ser andrógono. Então, a construção imaginária desse indivíduo, por exemplo, a mãe que tem o pênis, traz uma importante consequência a respeito das possibilidades de satisfação dos indivíduos.

Nesse sentido, uma vez que o fetichista fantasia o ser andrógono traz como consequência o retorno da possibilidade ilusória de uma auto-satisfação narcísica em que o indivíduo não precisa de mais

ninguém para sua satisfação, como se bastasse por si mesmo, tal qual na lenda de Narciso. Dessa forma, buscar por uma satisfação total que não necessite de um outro alguém pode imaginariamente ser encontrada a partir do consumo solitário de uma mercadoria imposta pela indústria cultural.

De acordo com Safatle,<sup>(7)</sup> é justamente nesse ponto que se faz possível uma transposição do mecanismo de funcionamento do fetichismo freudiano para o fetichismo enquanto funcionamento psíquico característico dos indivíduos da sociedade contemporânea.

Os sujeitos têm na consciência a impossibilidade da satisfação tão almejada por eles, mas ao mesmo tempo desmentem essa verdade, acreditando nas promessas da indústria cultural. Podemos encontrar a mesma dinâmica de funcionamento relacional quando comparamos com a relação mãe-bebê mais primitiva dos indivíduos. Embora o bebê pudesse dar vazão a suas pulsões, sua mãe estava sempre ao seu lado como um objeto que, enquanto suportava a satisfação pulsional do bebê, também cuidava, protegia e amparava ele.

Entretanto, em “O Mal-estar na civilização” Freud<sup>(11)</sup> esclarece que a livre fruição das pulsões, embora possa trazer a tão desejada satisfação total, é contrária à construção e manutenção das relações humanas e da sociedade que dependem da repressão pulsional para existirem. Uma vez que o desfrute pulsional destrua os vínculos humanos e conseqüentemente a sociedade de forma geral, o indivíduo retornaria ao seu estado de desamparo. Assim, as duas ideias opostas no indivíduo fetichista da contemporaneidade e que se sustenta via as peripécias expressas nas chamadas sedutoras e enganosas das propagandas presentificadas no nosso cotidiano são: por um lado a possibilidade prometida da satisfação e por outro uma “certeza” de que mesmo satisfazendo suas pulsões ele continuaria a salvo de qualquer mal-estar.

Com relação a esse antagonismo entre a livre satisfação e a necessidade de renúncia pulsional para obter amparo e a forma como o fetichismo conse-

gue driblar essa questão, Safatle<sup>(7)</sup> cita Freud para uma melhor compreensão:

O Eu da criança encontra-se, pois, a serviço de uma potente exigência pulsional que ela esta acostumada a satisfazer. De repente, a criança assusta-se com uma vivência que lhe ensina que, caso continue tal satisfação, seguir-se-á um perigo real dificilmente suportável. Ela deve então decidir-se: reconhecer o perigo real, dobrar-se a ele e renunciar à satisfação pulsional ou desmentir a realidade, levar-se a crer que não há razão alguma para temer, isso a fim de poder manter a satisfação. Esse é, pois, um conflito entre as exigências pulsionais e a objeção vinda da realidade. A criança no entanto, não faz nem uma coisa nem outra, ou melhor faz ambas. Ela responde ao conflito com duas reações opostas, ambas válidas e eficazes. (p. 94).

Tem-se, então, o fetichismo como um funcionamento psíquico que permite essa dupla satisfação enquanto possibilidade imaginária de amparo e também de livre fruição das pulsões.

De acordo com Freud,<sup>(12)</sup> o indivíduo encontraria em seu objeto de fetiche o amparo e a força para existir, isso ocorre por não ter se constituído como um indivíduo a partir do reconhecimento tanto da falta constitutiva, quanto da castração simbólica. Com isso, ao retornar à evolução da escolha objetual apresentada por Freud,<sup>(12)</sup> em um primeiro momento esse objeto é a mãe, depois algo que a represente, posteriormente seu pai, até que se chegue enfim à sociedade humana. Portanto, a sociedade passa a ser esse suposto grande representante de amparo e proteção internalizado e representado pelo Super-eu.

A seguir, será exposto como a mercadoria que se tornou objeto de fetiche dos indivíduos da contemporaneidade coloca-se no lugar do outro nas relações humanas, oferecendo uma ilusão de satisfação e de amparo que nunca se concretiza.

A questão que se coloca com relação à clivagem do Eu como abertura para a possibilidade de um funcionamento fetichista é justamente de que, se de um lado o Eu aceita a castração na forma de reconhecer seus limites, por outro escuta e dá adesão, via indústria cultural, às promessas ilusórias de satisfação total que a cultura do consumismo realiza na apresentação de suas mercadorias.

Como consequência da perda dos vínculos humanos de amparo, um dos caminhos encontrados seria direcionar toda sua libido que antes estava ligada à relação primitiva com a mãe para outro objeto de acesso mais seguro. Afinal, o indivíduo busca um objeto que esteja ao seu alcance e seja passível de investimento libidinal. Segundo Birman,<sup>(13)</sup> justamente essa ausência do outro possibilita ao sujeito lançar sua libido a qualquer elemento em que encontre uma possibilidade de descarga.

De acordo com Türcke,<sup>(4)</sup> o fetiche instala-se a partir da ausência do outro que antes era de extrema importância para o sujeito. O fetiche instala-se a partir de um super investimento libidinal em uma mercadoria que traria a segurança ilusória de sempre estar disponível para satisfazer.

A energia emocional, antes ligada ao desejado, vagueia por todos os lados, pressiona por recolhimento; e onde ela se vincula com algo que serve como alternativa para tal, e que não se distancia tanto assim do que fora privado e desejado, mas coloca-se em seu lugar e é tratado como se fosse esse algo, realiza-se aquilo que Freud denominou 'fetichismo'. (p. 3)<sup>(4)</sup>

Safatle<sup>(7)</sup> afirma que o fetichista estaria preso “a fim de insistir na necessidade de conformação do objeto à imagem mental produzida” (p. 41). Assim sendo, o fetichista prender-se-ia não apenas a um objeto, mas também à imagem idealizada desse objeto, a um pedaço derivado de uma imagem mental produzida e hipercatexizada pelo sujeito. Deve ficar claro, no entanto, que esse objeto é justamente a mercadoria apresentada e manipulada pela indústria cultural.

Para Türcke,<sup>(4)</sup> essa hipercatexização de um objeto se dá na contemporaneidade de forma muito exacerbada e ocorre não pela necessidade real de uso da mercadoria, mas uma hipercatexização na imagem do objeto pela representação dele, preenchendo-o com os mais diversos significados inconscientes que antes estavam ligados a mais primitiva relação de amor.

Segundo Safatle,<sup>(7)</sup> as características do fetichismo são justamente um “gozo de imagens, gozo de uma imaginação que procura reduzir os objetos a

imagens fantasmáticas de satisfação” (p. 44). Sendo assim, a perda da relação do objeto de desejo com a totalidade do objeto real como descrito no artigo de Türcke<sup>(4)</sup> a respeito do sapato, da pele, da meia em que há uma hipercatexia em uma determinada parte do objeto passível de manipulação e de controle, visto que o desejo era pela pessoa que o utilizava, desejo que, como visto, é parcialmente reprimido.

Evidencia-se assim que para existir o investimento libidinal no objeto de fetiche foi necessária anteriormente a não aceitação da perda do mais primitivo vínculo simbiótico com a mãe, ou seja, a não aceitação da separação do objeto de amor que satisfazia as suas demandas. Neste contexto, a indústria cultural oferece a ilusão de que a mercadoria suprirá o lugar de objeto fusionado típico da simbiose, ou melhor, a fantasia de se voltar ao paraíso perdido. Dessa forma, o outro, que antes podia dar um mínimo de amparo e segurança para o indivíduo, mas que por vezes tende a faltar, é trocado por uma mercadoria que promete uma satisfação no momento do consumo e que também seja de fácil acesso e de fácil controle.

## FETICHISMO E VÍNCULOS CONTEMPORÂNEOS

Na sociedade contemporânea, essas relações de investimento libidinal em uma mercadoria aprisionam cada vez mais os indivíduos nas mentiras propagadas midiaticamente. Assim, o fetichismo entra na contemporaneidade como a forma de relacionamento atual.

Embora possa-se pensar uma diferença na forma de relação indivíduo-mercadoria para a relação entre indivíduo-indivíduo, quando considera-se em uma relação de cunho fetichista, o que ocorre é uma não diferenciação quanto ao objeto buscado para a satisfação. Esta indiferenciação dá-se pela característica das pulsões de poderem se satisfazer em qualquer objeto que seja escolhido para a função de satisfação. Desta forma, a pulsão que bus-

ca um objeto idealizado (tal qual encontramos na relação do indivíduo com seu objeto de fetiche) é possível de satisfazer-se tanto em uma mercadoria quanto em um outro indivíduo que, de acordo com as características da sociedade contemporânea, tem se assemelhado às mercadorias.

Bauman<sup>(5)</sup> traz um auxílio na compreensão desse modelo de funcionamento dos relacionamentos contemporâneos quando afirma que “da atividade de consumo não emergem vínculos duradouros” (p. 101), é apenas um vínculo para a satisfação imediata. Esse tipo de vínculo toca na questão do fetichismo a partir do momento que consideramos que o objeto de fetiche também está presente para uma satisfação imediata, embora essa satisfação seja apenas e meramente uma possibilidade imaginária de satisfação.

Com respeito a essa satisfação imaginária, Debord<sup>(2)</sup> afirma que na contemporaneidade o objeto standartizado, o objeto de fetiche, é a própria imagem, a própria mentira contada de formas diferentes, porém sempre a mesma mentira, que é a da promessa de uma satisfação que nunca ocorre. Então o fetichismo seria uma forma de consumir o objeto de fetiche a partir de sua dimensão imaginária e não pela dimensão real do uso.

Nesse contexto, é possível fazer uma ligação com a indústria cultural que trabalha com a alienação dos indivíduos e a apresentação cada vez mais rápida de imagens subsequentes que promovem a busca pelo ideal de uma satisfação por meio do consumo. Segundo Zuin e Zuin,<sup>(14)</sup> a Indústria Cultural apoiar-se-ia nessa característica da constituição psíquica do ser humano, da necessidade do outro, para propagar uma mercadoria junto com a promessa da satisfação total, que não falharia. Em outras palavras, o mercado, via indústria cultural, apresenta um produto perfeito a cada nova propaganda, porém, sempre com a certeza de que logo mais adiante terá um outro objeto ainda mais perfeito.

Essa subsequente produção de mercadorias perfeitas aniquila no indivíduo a própria garantia da existência de um objeto que de fato irá cumprir o

que promete. O que ocorre, no entanto, é que uma parte do Eu clivado agarra-se ao traço inconsciente da primeira relação que um dia realizou o que a mercadoria não consegue. Dessa forma, se de um lado temos um Eu que tem consciência da impossibilidade, por outro, tem um Eu que sabe que um dia foi possível e mantém a esperança por novamente reencontrar o que fora perdido.

Como é possível perceber, no fetichismo, o que está ligado com o sujeito não é o objeto por sua necessidade e praticidade, mas a sua imagem, ou seja, aquilo que a mídia diz que o produto do mercado realizará a partir de sua posse. O objeto de fetiche pode ser qualquer coisa desde que faça uma relação com os conteúdos inconscientes do indivíduo. E é justamente essa ligação que permite a construção de um objeto de fetiche.

Portanto, enquanto a Indústria Cultural funciona no sentido de apresentar objetos para uma satisfação absoluta imaginária e da substituição deles conforme a criação de uma demanda nos indivíduos, essa relação fetichista, cada vez mais, toma corpo na sociedade contemporânea como o modelo de relacionamentos na contemporaneidade.

Bauman<sup>(5)</sup> afirma que até mesmo “o processo de auto-identificação é perseguido, e seus resultados são apresentados com a ajuda de ‘marcas de pertença’ visíveis, em geral encontráveis em lojas” (p. 108). Dessa forma fica evidente que a dimensão da relação consumista entre indivíduo e seu objeto de fetiche, não se encontra apenas e meramente na dimensão econômica e financeira, mas extrapola essa, indo ao mais profundo do sujeito, na construção de sua própria identidade.

Ainda segundo Bauman,<sup>(5)</sup> a busca pelo consumo do produto standartizado leva o sujeito a uma tentativa de estar sempre “à frente”, estar “na moda”. Para o autor “‘estar à frente’ indica uma chance de segurança, certeza e de certeza da segurança exatamente os tipos de experiências de que a vida de consumo sente falta, de modo conspícuo e doloroso, embora seja guiada pelo desejo de adquiri-la.” (p. 108).<sup>(5)</sup>

Enquanto na sociedade contemporânea ter-se-ia as identificações via uma marca que representa um grupo de consumidores, nas sociedades primitivas, de acordo com Freud,<sup>(16)</sup> as identificações e a pertença estariam ligadas com a construção e instituição dos totens que eram também produtos construídos pelos homens, além de serem carregados libidinalmente com as projeções dos indivíduos que remetiam à relação com o pai assassinado.

Para Freud,<sup>(15)</sup> a pertença a um totem estaria relacionada com todas as obrigações, deveres morais e também aos direitos que cada indivíduo teria no momento em que estivesse vinculado a determinado totem. Assim, o que se vê na contemporaneidade é que a relação com o objeto de fetiche, com a mercadoria apresentada via indústria cultural, é na realidade uma possibilidade de pertença, de uma segurança apenas enquanto “durarem os estoques”, de forma muito parecida, embora não idêntica, às relações dos homens primitivos com seus totens.

Para Debord,<sup>(2)</sup> à medida que determinado produto torna-se obsoleto, ou o indivíduo busca por um novo produto, ou ele próprio corre o risco de tornar-se obsoleto retornando à insegurança e ao desamparo, deixa de ser membro da massa dos consumidores.

Acerca disso, segundo Bauman,<sup>(5)</sup> tornar-se obsoleto por não possuir o produto da vez, faria com que o indivíduo ficasse à mercê dos outros indivíduos, estaria por fora da sociedade, excluído e irremediavelmente só.

Sendo assim, o ato de consumir e possuir o objeto tão almejado socialmente diz de uma relação de busca pelo amparo, de uma tentativa de encontrá-lo agrupando-se não por meio dos vínculos com outros indivíduos, mas por vínculos mediados pela identificação projetiva com a mercadoria da vez. Afinal, até mesmo esses vínculos na contemporaneidade estão sendo criados via consumo de mercadorias.

A mercadoria atinge, assim, uma dimensão do falso simbólico que atravessa as relações humanas na contemporaneidade a partir do momento que a

posse ou não de determinada mercadoria irá revelar a pertença ou a exclusão do indivíduo a certos grupos. Porém, todos os grupos na realidade são simplesmente “mais do mesmo”, são pertencentes à massa alienante dos indivíduos.

O que acontece, no entanto, é que, segundo Rodrigues e Caniato,<sup>(16)</sup> essa integração é na verdade uma “falsa pertença” na qual os indivíduos são capturados pela indústria cultural pela promessa de uma possibilidade de satisfação.

A sociedade de consumo exige que cada um e todos os indivíduos sejam servos fiéis de um único senhor, que lhes promete alçarem o mundo dos ‘prazeres infindáveis’. Seus reais desejos estão em suspensão, seus sentimentos voltados para um único objeto (a mercadoria), e seus pensamentos estão sob o controle inconsciente da farsa das ideologias consumistas. (p. 13-14)<sup>(17)</sup>

Não se está aqui dizendo do consumo de um objeto real, como o alimento, mas sim do consumo de uma promessa padronizada construída para captar os indivíduos e deixá-los ainda mais presos ao controle da sociedade. O consumo, por exemplo, de um tênis refere-se a uma necessidade de caminhar, de proteger os pés, e por aí adiante, porém, na contemporaneidade, como exposto, o consumo está pautado na satisfação ilusória do uso de uma marca manipulada pela indústria midiática, a qual promete a tão esperada satisfação por meio do consumo. Zuin e Zuin<sup>(14)</sup> trabalham com o conceito da marca Nike a qual oferece uma liberdade para “simplesmente” fazer o que quer que seja. Dessa forma, estar submetido a esse falso totem (Nike), permitiria fazer o que você bem entender.

Por isso o indivíduo na contemporaneidade apresenta-se cada vez mais preso às imposições da indústria cultural, sem ter o mínimo de condições para sair desse esquema de repetições que o conduzem para uma relação simbiótica e de dependência ao objeto oferecido via indústria cultural. Essa relação simbiótica que se estabelece impossibilita qualquer outro tipo de relação humana visto que o indivíduo imagina-se sem a necessidade de algo ou alguém, da mesma maneira que Narciso, o qual com a posse do objeto de fetiche, bastar-se-ia

por si mesmo. A sociedade contemporânea pode ser vista então como uma massa de Narcisos que buscam apenas sua própria satisfação.

Nesse ponto, há a realização imaginária de uma oposição encontrada em “O Mal-estar na civilização” em que Freud<sup>(11)</sup> afirma a impossibilidade de uma total satisfação das pulsões ocorrer junto com a construção e manutenção da civilização.

Isso acontece porque o objeto de fetiche tem como uma de suas características a possibilidade imaginária dessa realização, do encontro com o amparo junto com a plena saciedade das pulsões através de sua posse. Essa realização, no entanto, não passa de uma promessa alienante da indústria cultural e nunca poderá ser realizada concretamente, caso contrário, ter-se-ia a dissolução da sociedade humana juntamente com a dissolução da subjetividade dos indivíduos, pois ambas são constituídas justamente a partir da repressão pulsional que permite a relação de amor entre os indivíduos.

Como consequência dessa promessa de satisfação total em que não se tem mais a necessidade do outro, o indivíduo entra em um isolamento como consequência do vínculo simbiótico com o objeto de fetiche.

Devido a essa característica das relações humanas na sociedade contemporânea, Türke<sup>(4)</sup> afirma que as pessoas passam por um gigantesco sintoma de abstinência, que vivem nessa abstinência de relações de cuidado e proteção. O mercado sabe disso e assim oferece cada vez mais, utilizando seus slogans e sua “cultura do consumo” como uma forma para sair dessa abstinência por meio do consumo de determinados produtos que aprisionam ainda mais as subjetividades e as lançam em uma profunda ilusão de dependência da mercadoria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho pode-se perceber que as relações humanas na contemporaneidade estão ca-

minhando para um ponto que conduz à destruição dos vínculos de amor. Pois, ao criar uma falsa relação com um objeto de fetiche, a indústria cultural não permite a satisfação pulsional, pelo contrário, ela aumenta a tensão nos indivíduos que, não satisfeitos, acabam por se aprisionarem ainda mais nas armadilhas dessa indústria.

Como consequência dos vínculos vazios, as pessoas caem em uma espécie de abstinência do outro, mas também de si mesmas, visto que elas próprias acabam se esvaziando e colocando-se no lugar de mercadoria para o consumo.

Essa “abstinência” é um dado muito importante quando pensamos na realidade subjetiva humana, pois ela é fundada a partir da necessidade do outro, afinal desde seus primórdios o ser humano necessita conviver com o outro. O que está sendo transformando, no entanto, é a relação estabelecida com esse outro, o qual antes era percebido como semelhante mas, na contemporaneidade, passou a ser percebido como uma deformação de um suposto objeto de fetiche. Uma relação não de troca, contudo, como apresentou-se até o momento, de uma única via em que ficaria faltando uma parte para fechar o circuito pulsional que envolve toda uma relação afetiva pautada na troca e não no “simples” consumo do outro.

Estamos em uma sociedade do consumo do outro, em que o outro vazio somente aumenta a tensão pulsional e, dessa forma, é possível dizer que cada vez mais vive-se em uma sociedade em que os indivíduos ficam aprisionados na insatisfação.

## REFERÊNCIAS

1. Bauman Z. Amor líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2004.
2. Debord G. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto; 2011.
3. Adorno TW, Horkheimer M. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: J. Zahar; 2006.

4. Türcke C. Vício e fundamentalismo. In: Zuin AAS, Lastoria LC, Gomes LR, organizadores. Teoria crítica e formação cultural: aspectos filosóficos e sociopolíticos. Campinas (SP): Autores Associados; 2012.
5. Bauman Z. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2008.
6. Mijolla A. Dicionário internacional de psicanálise: conceitos, noções, bibliografias, obras, eventos, instituições. Rio de Janeiro: Imago; 2005.
7. Safatle W. Fetichismo: colonizar o outro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2010.
8. Freud S. O futuro de uma ilusão [1927]. In: Strachey J. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 2006. v. XXI.
9. Freud S. A divisão do ego como mecanismo de defesa [1938]. In: Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago; 2006. v. XXI.
10. Freud S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago; 2006. v. VII.
11. Freud S. O mal-estar na civilização [1930]. São Paulo: Companhia das Letras; 2010. v. XVIII (Obras completas).
12. Freud S. Inibições, Sintomas e Ansiedade, 1926 [1925]. In: Obras psicológicas completas: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago; 2006. v. XX.
13. Birman J. Fraternidades: destinos e impasses da figura do pai na atualidade. *PHISIS: Rev. saúde coletiva* 2003;1(13):93-114.
14. Zuin VG, Zuin AAS. A indústria cultural e a insustentabilidade dos rótulos verdes. In: Zuin AAS, Lastoria LC, Gomes LR, organizadores. Teoria crítica e formação cultural: aspectos filosóficos e sociopolíticos. Campinas (SP): Autores Associados; 2012.
15. Freud S. Totem e Tabu [1913]. São Paulo: Companhia das Letras; 2012. v. XI (Obras completas).
16. Rodrigues SM, Caniato AMP. Subjetividade e indústria cultural: uma leitura psicanalítica da cumplicidade dos indivíduos com a lógica da mercadoria. *Psicol. rev.* 2012; 2(18):227-246.